

Páginas de cores e luzes. São Paulo, **Jornal da USP**, (448): 20, 5 a 11 out. 1998.

A Editora da Universidade de São Paulo, a Edusp, vem já algum tempo oferecendo a seus leitores algumas das mais bem-acabadas coleções do mercado editorial brasileiro, mais notadamente no campo das artes. Entre os volumes que chamam a atenção da produção eduspiana, estão aqueles da coleção *Artistas Brasileiros*, com a qual a editora da Universidade homenageia grandes nomes – vivos ou mortos – das artes brasileiras, principalmente das artes plásticas. Já passaram pela coleção nomes como Evandro Jardim, Carlos Bracher e Lasar Segall, entre outros. Um dos próximos trabalhos tratará da obra de Ana Leticia. Agora, a editora acaba de lançar um volume que fala de um dos mais importantes artistas neoconcretos do País, o paulistano Hermelindo Fiaminghi, nascido em 1920. O livro é organizado por Isabella Cabral e M. A. Amaral Rezende e é fruto de um longo mais gratificante trabalho de pesquisa.

Para concluir sua pesquisa a respeito do artista paulistano, os autores levaram nada menos do que cinco anos estudando o trabalho de Fiaminghi, além de fazer uma extensa pesquisa sobre sua vida e obra. Com este livro, tanto Isabella quanto Amaral Rezende apresentam a biografia e a trajetória artística do homem que privou da amizade de grandes nomes da cultura brasileira e foi uma espécie de “quarto mosqueteiro” do concretismo brasileiro ao lado dos irmãos Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari. Isso, nos anos 50, quando ilustrou algumas capas da publicação *Noigrandes*, feita sob inspiração de seus amigos poetas concretistas. Iniciando-se como pintor concretista, Fiaminghi permaneceu durante vários anos desenvolvendo e aperfeiçoando sua técnica, principalmente com a têmpera, com a qual chega a definir sua produção de “corluz”. Ou seja: a luz surge pela desconstrução da forma e da superfície cromática, fazendo com que a sua obra incorpore a interferência criadora dos erros e acasos. Isso, há algumas décadas. Já a sua produção mais recente vai por um outro caminho, apresentando transparências e referências sutis à paisagem, tornando-a ainda mais intrigante do que já era.

Publicitário e artista

A trajetória de Fiaminghi, entretanto, pode ser contada de várias formas, já que o próprio artista buscou muitas maneiras de se expressar. É certo que se tornou conhecido com seu trabalho concreto – ou neoconcreto –, mas transitou com igual desenvoltura desde a pintura figurativa até a arte publicitária, já que o artista foi, durante anos, integrante do staff das mais importantes agências de São Paulo. Suas referências foram bem variadas, desde Van Gogh, Cézanne e Monet, passando pelos pensadores da Bauhaus alemã, até conhecer Waldemar da Costa, recém-chegado de Paris em finais dos anos 30. Foi na publicidade, inclusive, que Fiaminghi teve o seu primeiro grande choque estético. Trabalhando na Lintas no início dos anos 50, ele foi apresentado por seu colega Leopold Haar – designer e gravador polonês – à obra “construtiva” de Malevitch, Kandinsky e Pevsner, o que impulsionou o artista e gravurista a estreitar relações com o design e a criar trabalhos cada vez mais ousados e “concretos”, rejeitando o academicismo da pintura. Sua última obra figurativa foi *Mulher Sentada*, de 1952, porém com fortes tonalidades cubistas. Contagiado pelo novo, ele cria e recria várias obras. A partir daí, seu nome não pararia de brilhar entre os mais destacados artistas nacionais. Participa das Bienais de Artes de São Paulo e vê seu nome ganhar repercussão internacional.

Enquanto pinta e ousa, Fiaminghi mantém um retiro espiritual, por assim dizer, em Eldorado, no interior paulista. É lá que ele vive, em um sítio comprado em 1950 e que lhe serve de refúgio. E o espaço certo para dar vazão à sua arte, ao seu temperamento e ao seu cuidado estético: um cuidado que persiste até hoje, com o artista já beirando as oito décadas de vida, mas sempre perspicaz e atuante.

“Com este livro, prestimosa e inteligentemente organizado pela artista plástica Isabella Cabral e pelo prosador Marco Antonio Amaral de Rezende, vejo que se aproxima o momento de um câmbio de perspectiva. Das páginas penetrantes e documentadas – quase didáticas – deste volume, emerge em corpo inteiro um mestre maiúsculo da pintura construtiva brasileira, Hermelindo Fiaminghi, da estirpe serena de Alfredo Volpi, de quem, aliás, mestre Fiam foi amigo dos mais próximos e constantes, a ponto de ter mantido um ateliê (partilhado com o poeta-pintor Décio Pignatari) na casa totêmica – flores, crianças e bichos em convívio ednico – do criador notabilíssimo das janelas e bandeirolas, das fachadas e mastros, no bairro paulistano do Ipiranga”, escreve o poeta Haroldo de Campos na apresentação do volume editado pela Edusp.

O livro sobre a vida e obra de Fiaminghi, como não poderia deixar de ser, traz uma parcela significativa de seus trabalhos, apresentando ao leitor ou observador neófito o quão importante tem sido a obra de Hermelindo Fiaminghi na segunda metade deste século que está prestes a terminar.

espiritual
poeta

Insititudo de arte contemporânea